



# VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:  
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
CAMPUS VI - CAETITÉ

## AS DORES INVISÍVEIS DO PARTO: AS DISPUTAS DE SABERES E A MEDICALIZAÇÃO NAS MEMÓRIAS DE MULHERES CAETITEENSES NO LIMIAR DO SÉCULO XXI

Nilzeli Brito Duarte<sup>1</sup>

Profa. Dra. Maria Lúcia Porto Silva Nogueira<sup>2</sup>

Profa. Miléia Santos Almeida<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe o estudo das experiências, vivências e memórias de mulheres parturientes bem como a hierarquização de saberes, sobretudo, no campo da assistência obstétrica, tomando como referência o limiar do século XXI na cidade de Caetité<sup>4</sup>, sertão da Bahia. O objeto da pesquisa se localiza no campo de estudos das experiências femininas invisibilizadas por uma narrativa masculina universal, predominante na historiografia tradicional. A investigação sobre os corpos, a sexualidade e a reprodução na História das Mulheres propiciaram a ampliação de questionamentos acerca da história da maternidade, bem como, dos discursos colonizados pela concepção biomédica de práticas e saberes acerca do evento e do corpo que pare. Nesse sentido, a proposta da pesquisa busca analisar a disputa de saberes existentes na medicalização do parto em Caetité, ao longo das primeiras décadas do século XXI, além de investigar sobre as hierarquias de gênero, classe e raça que atravessaram as experiências das mulheres submetidas a intervenções cirúrgicas, especificamente ao procedimento das cesarianas. Com isso, além de uma análise histórica, a pesquisa possui um caráter político e social, que visa a promoção e difusão do conhecimento e autonomia feminina nas experiências do parto, além de contribuir para a desconstrução da lógica colonial e produtivista que ainda predomina na hegemonia do saber médico, historicamente e estrategicamente construído a fim de exercer controle e supressão do corpo que pare.

**Palavras-chave:** Mulheres parturientes;. Medicalização do parto. Saber médico.

---

1Graduanda em Licenciatura em História, UNEB, [nilzelibrito2018@gmail.com](mailto:nilzelibrito2018@gmail.com).

2 Professora Doutora em História Social pela Universidade do Estado de São Paulo- USP, Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, [mlnogueira@uneb.br](mailto:mlnogueira@uneb.br). Orientadora da Pesquisa.

3Doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), Professora da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e Secretária de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), [mileia.sa@gmail.com](mailto:mileia.sa@gmail.com). Coorientadora da Pesquisa.

4 Município localizado no centro-sul baiano, integrante do território de identidade “sertão produtivo”, identificado até início do século XX como região do alto sertão da Bahia.

**Abstract:** This work proposes the study of the experiences, experiences and memories of women in labor as well as the hierarchization of knowledge, especially in the field of obstetric care, taking as a reference the threshold of the 21st century in the city of Caetité, backlands of Bahia. The object of the research is located in the field of studies of female experiences made invisible by a universal male narrative, predominant in traditional historiography. The investigation into bodies, sexuality and reproduction in Women's History led to the expansion of questions about the history of motherhood, as well as the discourses colonized by the biomedical conception of practices and knowledge about the event and the body that stops. In this sense, the research proposal seeks to analyze the dispute over knowledge that exists in the medicalization of childbirth in Caetité, throughout the first decades of the 21st century, in addition to investigating the hierarchies of gender, class and race that permeated the experiences of women subjected to surgical interventions, specifically the cesarean section procedure. Therefore, in addition to a historical analysis, the research has a political and social character, which aims to promote and disseminate knowledge and female autonomy in childbirth experiences, in addition to contributing to the deconstruction of the colonial and productivist logic that still predominates in hegemony. of medical knowledge, historically and strategically constructed in order to exercise control and suppression of the body that stops.

**Keywords:** Parturient women; Medicalization of childbirth. Know doctor

## **Introdução**

A história das mulheres enquanto campo de estudos das experiências femininas, que foram invisibilizadas por uma narrativa masculina universal, tem possibilitado explorar novos temas e problemas outrora negligenciados pela historiografia tradicional. Nos sertões baianos, o atendimento ao parto em hospitais é um evento tardio, se consolidando a partir da década de 1960, em contraponto à tradição do parto doméstico. A intervenção médica se tornou cada vez mais intensa e o bisturi substituiu o fórceps, o parto normal deu lugar à cesariana. Por sua vez, as memórias das mulheres que vivenciaram esses procedimentos nos ajudam a produzir um contradiscurso em relação à validação médica do parto cirúrgico e a problematizar os silêncios que naturalizam violências, hierarquias e medicalização em excesso.

Num gradiente de saberes formais canônicos coloniais, representados pela biomedicina, a supressão e subjugação de saberes anti-coloniais, não

formais, tidos como primitivos e ignorantes representados pela figura da parteira, num saber tradicional, consolidou o evento do parto hospitalar, medicalizado e intervencionista. (Portella, 2017). A pesquisa justifica-se, numa perspectiva social enquanto contribuição para o rompimento de silêncios históricos acerca de um evento que se posiciona na fronteira do biológico e cultural na vida das mulheres ao longo das décadas, considerando como fontes históricas valiosas, as vivências de mulheres parturientes em regiões cuja assistência materno-infantil se consolidou tardiamente e no cerne de uma disputa entre o poder médico e os saberes populares. Acrescenta-se a isso, o emprego e a funcionalidade de políticas públicas que prezam pelo respeito e pela humanização dos partos.

Além disso, numa perspectiva pessoal, a pesquisa compreende o advento da maternidade que passei a exercer em 2022, através de um parto cirúrgico (cesáreo) e medicalizado, após 41 semanas de gestação e no âmbito acadêmico-científico, diante da precariedade e ausência de discussões sobre o tema na historiografia, limitada pelo acesso às fontes e referencial teórico ainda incipiente nas ciências humanas, o que traz à pesquisa em questão, um caráter pioneiro e de extrema relevância para a academia.

### **A Interseccionalidade na História das Mulheres**

A história das mulheres foi invisibilizada e negligenciada durante muito tempo pela historiografia, que relegou sua presença exclusivamente ao ambiente materno e familiar, sendo silenciada pelas religiões, pelos meios políticos e sociais. A historiadora Michelle Perrot destaca a ausência e silenciamento da figura feminina na narrativa historiográfica, legitimando a desigualdade dos sexos: “aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente silêncio de fala, mas também o da expressão, gestual ou escriturária.” (Perrot, 2005, p. 10).

Nessa perspectiva, as autoras Rachel Soihet e Joana Maria Pedro-(2007) discorrem sobre o vagaroso aparecimento da Mulher na historiografia brasileira, dominada intrinsecamente pelo homem, o homem ocidental branco. Entretanto, as mudanças emergenciais nesse cenário, ainda que extemporâneo, produziu um arcabouço de pressupostos e novos campos de estudos destacando a

História das Mulheres e as Relações de Gênero<sup>5</sup>. Concomitante, à emergência de abordagens femininas alçadas à condição de objeto e sujeito da pesquisa historiográfica, a partir do século XX, traz à tona a problemática da homogeneização universal de uma história única para todas as mulheres, legitimando uma identidade comum e uniforme, independente de classe, raça, etnia, geração e sexualidade. Essa condensação coletiva, produziu a discussão da impossibilidade de homogeneizar as múltiplas identidades sociais e históricas femininas. Diante disso, a Interseccionalidade, pensada por feministas negras, propõe a reivindicação de uma sensibilidade analítica de experiências negras observadas numa história geral das mulheres (Akotirene, 2019), reconhecendo a multiplicidade e pluralidade identitárias femininas, negras, pobres, marcadas pelo racismo, pela desigualdade social e pela marginalização.

Teoria, metodologia e instrumento prático, a interseccionalidade revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectualistas negras, numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas, que não passaram experiências da colonização e nem se quer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar presa às correntes eurocêntricas e saberes narcísicos. (Akotirene, 2019, p. 22)

Posto isso, a apreensão das narrativas de mulheres negras e pobres, excluídas e marginalizadas, que não tem suas particularidades e arcabouços contemplados numa história das mulheres única e singular, configura uma metodologia essencial nessa pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa se propõe a analisar os discursos, contradiscursos, o debate da memória com fundamentação na História oral, uma vez que, o estudo da memória enquanto mecanismo que resguarda episódios, acontecimentos e experiências vividas, às vezes traumáticas é o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. (Bosi, 2009, p. 46). Além disso, por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, com foco nas experiências de mulheres

---

<sup>5</sup> Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, utilizam a terminologia Relações de Gênero para designar a constituição de um novo campo de estudos com referência na História das Mulheres. O uso da categorização de gênero enquanto método de análise da pesquisa histórica, remete ao pioneirismo da norte-americana Joan Scott.

e não na estatística dos procedimentos, a metodologia de amostragem denominada “bola de neve” (snowball)<sup>6</sup> se mostra apropriado para este estudo.

### **Considerações Finais**

A dualidade entre saberes tradicionais e saberes científicos acerca do parto, converge para uma zona extremamente conflituosa, mas que precisa urgentemente ser discutida e posta em debate. O modelo tecnocrático de assistência ao parto, enviesa-se muito mais para uma prática mercadológica e capitalista em detrimento do respeito e da humanização no parto. O cenário do parto medicalizado é ainda permeado por incertezas, medos e dúvidas, que permanecem e se propagam historicamente diante da construção de tabus e da ausência de autonomia das parturientes para questionar a adoção de procedimentos intervencionistas, outras vezes, há uma limitação cerceadora no direito de fala, em que as mulheres têm seus corpos dominados pela hierarquia do saber médico, regido pela ciência e a chamada medicina da mulher, que considera a especialidade ginecológica, enquanto “um conhecimento elaborado com base na percepção de como as mulheres são distintas dos homens” (Rohden, 2001, p. 52).

Outro elemento importante nessa pesquisa, é a abordagem interseccional que visa o reconhecimento das narrativas de parturientes negras e pobres caetiteenses, que trazem no seu bojo o silêncio relativamente marcado pela desigualdade social, cor, classe, etnia, que enfrentam na parturição, especificamente. “[...] a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja num patamar de igualdade analítica”. (Akotirene, 2019, p. 14). Portanto, essa pesquisa, em andamento, prevê o alcance dos objetivos propostos através de metodologias plurais, com vistas principalmente na história oral, permitindo que as narrativas dos sujeitos da pesquisa sejam visibilizadas e evidenciadas, rompendo, dessa forma, com o silêncio que permeia a história das mulheres.

---

<sup>6</sup> O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil pra estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. (Vinuto, 2014)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

PERROT, Michele; RIBEIRO, Viviane. As mulheres ou os silêncios da história. In: **As mulheres ou os silêncios da história**. 2005. p. 519-519.

PORTELLA, Mariana de Oliveira. Ciência e costume na assistência ao parto / Mariana de Oliveira Portella. – 2017. 262 Fls.

ROHDEN, Fabíola . Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. 224p. (Coleção Antropologia & Saúde)

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 281-300, 2007.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.